



## Ironia e (im)polidez em tempos de eleição: um estudo a partir de compartilhamento na página *Folha de S. Paulo* na rede social *Facebook*<sup>1</sup>

Girllayne Marques

Kazue Barros

Marcelo Costa

(UFPE - NELFE / FACEPE - CNPq)

### Resumo

Em época de eleição, discussões, opiniões e argumentos, tanto dos candidatos à eleição quanto dos eleitores são intensamente disseminados na televisão, no rádio e na internet. Este trabalho analisa estratégias de ironia e (im)polidez em compartilhamentos de eleitores postados na página Folha de São Paulo na rede social Facebook durante o primeiro turno da última campanha presidencial, no período de setembro de 2014. Estudos comprovam que, ao utilizar estratégias de ironia nas interações, os interlocutores têm objetivos específicos tais como persuadir, evitar o dogmático, causar dúvida quanto à sinceridade empregada, evitar o conflito através de discurso indireto. Disso resulta que a ironia pode tanto provocar quanto evitar conflitos, sendo assim associada intrinsecamente à (im)polidez. O presente estudo concentra-se nas manifestações de ironia que resultam em processos de impolidez (impoliteness), assim provocando situações de conflitos. Apoiar-se em pressupostos e conceitos do sociointeracionismo europeu e em teorias específicas da ironia e da (im)polidez para construção do aparato teórico e metodológico próprio. As análises preliminares parecem indicar que, primeiro, enunciados irônicos são catalisadores de situações de conflito e, segundo, que parece possível estabelecer correlações entre o tipo de ironia e o tipo de estratégia de (im)polidez atualizados nas interações.

Palavras-chave: ironia, (im)polidez, interações digitais

### Abstract

On election times, discussions, opinions and points of view from both candidates running for President and their electors are intensely spread on television, over the radio and on the internet. This paper analyzes Irony and (im)politeness on content shared by electors posted on Folha de São Paulo website through Facebook network during the first round of the last Presidential campaign, in September 2014. Studies show that when using

<sup>1</sup> Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior desenvolvida no âmbito do NELFE – Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita com o apoio da FACEPE e do CNPq.



irony strategies in interactions, the participants have specific goals such as persuading, avoiding dogmas, causing doubt related to honesty and avoiding conflict through indirect speech. This results that irony has the potential for generating as well as avoiding conflict, getting associated intrinsically to (im)politeness. The present study focuses on irony manifestations that result in impoliteness processes, therefore causing conflict situations. This paper relies on assumptions and concepts from European social interactionism and specific theories of irony and (im)politeness to build a unique theoretical and methodological framework. The first analyzes seem to indicate that, first, ironic utterances are catalysts of conflict situations and, second, that it seems possible to provide correlations between the irony type and (im)politeness strategy type updated in interactions.

Keywords: Irony, (im)politeness, digital interaction

## Introdução

Segundo Muecke (1995,) a ironia é uma arma comumente utilizada em temas polêmicos, como política e religião, ao que Booth (*apud* Hutcheon, 2000) complementa afirmando que a ironia é uma arma poderosa sempre que alguém se encontra em um sistema que considera opressivo. O ambiente de uma disputa política se mostra, portanto, como um ambiente propício para o uso da ironia e, conseqüentemente, situações de (im)polidez (Muecke, 1995). Desse modo, a última campanha presidencial surge para o estudo da ironia e da (im)polidez como um campo fértil e ainda pouco explorado, ao se caracterizar por uma disputa extremamente acirrada – foi o pleito presidencial mais disputado da história da democracia no Brasil e cuja configuração partidária se apresentou de forma ímpar na nossa história desde a redemocratização.

Esse acirramento é creditado a múltiplos fatores: a) a já sabida insatisfação popular com as mais diversas instâncias governamentais, que ficaram evidentes com os protestos de junho de 2013; b) a permanência prolongada inédita de um único partido (PT) na Presidência da República desde a redemocratização; c) o conseqüente desgaste da base governista e o surgimento, a partir da então base aliada, de uma



chapa presidencial, com o socialista Eduardo Campos e a ex-petista Marina Silva; d) a súbita morte do candidato do Partido Socialista Brasileiro (doravante PSB) e o sentimento de comoção nacional; e) a inversão do cenário eleitoral, com a arrancada de Marina na corrida presidencial e a desestruturação do já tradicional confronto PT x PSDB. Nesse cenário, cada voto se mostrava essencial e consegui-lo implicava em não só mostrar os predicados positivos, mas atacar os opositores. Marina, por representar uma ameaça à segurança eleitoral tanto do PT quanto do PSDB, foi de fato o alvo preferido dos ataques de ambos os lados e estabeleceu com Dilma o grande duelo do primeiro turno das eleições presidenciais de 2014.

Esses dados históricos refletiram de certo modo os ânimos da sociedade e como esse conflito se estendeu para as diversas relações sociais. Tais tomadas de posição estiveram, como invariavelmente estão todas as atividades humanas, permeadas pela linguagem e, no modo como os discursos desse período circularam na sociedade, nos interessa particularmente como a ironia foi uma estratégia discursiva utilizada pelos interactantes e a (im)polidez foi uma consequência deste uso. Para observar esses discursos, e mais particularmente como os fenômenos da ironia e da (im)polidez atuaram dentro dessa conjuntura social, observamos os dados interacionais decorrentes de compartilhamento na rede social Folha de S. Paulo no site de rede social Facebook, dos quais os três casos a serem analisados fazem parte. Em nossa observação, nos dedicaremos principalmente a observar como se dão as estratégias interacionais da ironia e da (im)polidez e como os interactantes reagem a elas, cabendo ainda algumas considerações a respeito dos limites que o universo digital impõe às pesquisas interacionais dessa natureza.



## 1. Aspectos e procedimentos metodológicos

Primordialmente, como pretendíamos investigar a ironia e a (im)polidez em seus contornos interacionais e tendo consciência de que são “os fatos da língua uma construção social e não um dado objetivo” (Marcuschi, 2001), dedicamos a primeira etapa da nossa empreitada investigativa à construção de um aparato conceitual sobre o que é a ironia e a (im)polidez. Por outro lado, buscamos também estabelecer diálogos entre esses dois fenômenos, pois disso dependeria a solidez de nossa construção investigativa e a coerência na análise dos dados. Nessa construção, articulamos as contribuições dos mais diversos estudos, prezando sempre pela pertinência dessas contribuições no que diz respeito aos processos interacionais. Tal aparato conceitual é baseado principalmente nos estudos sobre ironia de Hutcheon (2000) e Brait (2008) e nos estudos sobre (im)polidez de Barros e Crescitelli (2014) Spencer (2005) e Leech (1983), pois eles põem em relevo tanto a ironia quanto a polidez enquanto um fato do uso da língua.

Após a delimitação das noções norteadoras do que trataríamos como ironia e (im)polidez, nos debruçamos sobre os dados em busca de alguns casos, respeitados os limites de um artigo, que melhor representassem como a ironia pode ser um catalisador de (im)polidez e como os interactantes podem negociar esses *conflitos* interacionais, ressignificando esses fatos da língua. Desse procedimento, findamos com uma amostra composta por três dados, nos quais investigamos:

- 1) Como a ironia se constrói e como os interactantes compreendem essa elocução potencialmente irônica – uma vez que, como vislumbramos estes fenômenos dentro de uma perspectiva sociointeracionista, nos é imperativo observar como os interactantes interpretam as ações que estão no fluxo da interação da qual participam.



- 2) Como os participantes representantes de posicionamentos políticos potencialmente conflitantes se comportam diante de uma ironia, considerada por muitos teóricos como uma agressão (Kerbrat-Orecchioni, 1980, 1986 *apud* Seixas, 2006), um ferrão e desesperadamente 'afiada' (Hutcheon, 2000).
- 3) Como o conflito ou a negociação se estabelece e quais as estratégias de (im)polidez utilizadas nesse engajamento, além, é claro, de como elas são significadas.

Buscaremos, por fim, ainda observar, por meio da nossa amostra, os limites interpretativos redimensionados diante da dinâmica interacional posta nas interações mediadas por computador, particularmente aquelas cujo funcionamento se assemelha ao *compartilhamento*.

## 2. Considerações sobre o compartilhamento enquanto unidade interacional

Nossos dados provêm de, como já dito, um corpus mais amplo investigado. Nessa investigação sobre a rede social Folha de S. Paulo no site Facebook (cf. Recuero, 2009), consideramos o compartilhamento como a ação discursiva que resulta em materialidade lingüística (texto), proveniente tanto da interação reativa 'compartilhar' quanto da interação dialógica 'dizer algo sobre isto' (Primo, 2003 *apud* Recuero, 2009). O compartilhamento do qual tratamos aqui fica restrito à notícia como objeto compartilhado, se caracterizando, portanto, por informar algo aos atores vinculados à rede em que o compartilhamento é operado (em função do objeto difundido) e pelo posicionar-se diante da informação divulgada (em função de seu caráter dialógico).

A partir dessa ação sociodiscursiva, algumas ferramentas tecnológicas se colocam em sua potencialidade interacional, de acordo com as configurações de privacidade selecionadas pelo operador do compartilhamento. Genericamente, as



interações decorrentes do compartilhamento se dão no formato dialógico por meio de comentários, e no formato reativo, por meio de curtidas. A interação pode ocorrer de forma multilateral e possui um caráter público para a rede social em que ocorre. Os recursos semióticos possíveis nesse tipo de configuração tecnológica se encerram basicamente em linguagem verbal e imagens, podendo ser editados; os comentários (único espaço discursivo nessa configuração) se hierarquizam de modo cronológico. A partir de uma contribuição numa interação dessa natureza, os atores são notificados em sua página inicial, de modo que perpetuem o engajamento interacional. Os turnos interacionais podem ser direcionados por meio de menção do *nick name* do ator a quem se refere, denominado no site Facebook **marcar alguém**.

### 3. A ironia como catalisadora de (im)polidez

Muitos estudiosos da ironia, ao revisar a literatura sobre o fenômeno, iniciam afirmando da amplitude do conceito, das muitas formulações que foram propostas e das relações melindrosas que se estabelecem entre essas dezenas de conceitos que pairam sobre a ironia. Aqui, dados os objetivos e limites deste artigo, nos deteremos apenas aos conceitos de ironia que nos remetam à sua potencialidade catalisadora de (im)polidez, mais especificamente ao seu caráter compreendido muitas vezes como agressivo.

A primeira menção do termo ironia remete à obra platônica *A República* (1965), em que num diálogo Sócrates é acusado por Trasímaco por sua famosa ‘ironia socrática’. Nessa primeira acepção, o conceito de ironia surge significando “a ação de perguntar fingindo ignorar” (Miotti, 2010, 119 p.), tal qual o termo *eironeia* significava na etimologia grega. Desse modo, vemos na ironia uma construção lingüística em consonância com os métodos maiêuticos empregados por Sócrates, que buscando *trazer à luz* os seus concidadãos utilizava a evasão como um mecanismo para que estes



pu dessem encontrar por si próprios as respostas buscadas. No entanto, diante da reconhecida sabedoria de Sócrates, essa sua atitude, e a ironia é nesses termos uma ‘atitude’, de evasão era vista por seus pares como insincera, provocando assim uma irritação.

A ironia é retomada, ainda na Antiguidade Clássica, por Aristóteles. O filósofo trata da ironia em seu livro *Retórica* (2007) e a aborda conjuntamente ao tópico sobre pergunta; vemos desse modo a continuidade da associação da ironia à ação de perguntar. Aristóteles nesta obra pontua ter construído uma reflexão mais sólida sobre o fenômeno irônico em *Arte Poética*; no entanto, com o desaparecimento da segunda parte desta obra, a qual tratava especificamente sobre a comédia e em que a ironia deve ter sido discutida, tais reflexões não puderam ser reconhecidas efetivamente. Das considerações sobre a ironia presentes em *Arte Retórica*, convém destacar que Aristóteles vê “alguma utilidade do ridículo num debate” e aconselha aos oradores “desfazer a seriedade dos oponentes com a ironia e a ironia com a seriedade” (Aristóteles, 2007, 295 p.). Essa tradição do ridículo como útil dentro de um debate será, ainda dentro da tradição retórica, tratada também por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), no *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Muecke (1995) considera que as reflexões aristotélicas sobre a ironia expandiram o termo e possibilitaram a sua aplicação como um uso enganoso da linguagem: “*eironeia* é atualmente uma figura retórica: censurar por meio de um elogio irônico ou elogiar mediante uma censura irônica.” (Muecke, 1995, 31 p.), sendo ainda necessário o reconhecimento do ironista e de seu verdadeiro intento (Muecke, 1995, 58 p.).

O pensamento aristotélico representa decisivamente a grande influência para o pensamento e a investigação no mundo ocidental. Sua conceituação da ironia como um uso enganoso da linguagem funda a base para a compreensão e aplicação mais comum do termo: ironia como tropo. Essa abordagem teve bastante respaldo nos estudos de oratória, entre os quais destacamos as reflexões de Quintiliano. Sua obra



*Institutiones Oratorias* é baseada nas instruções necessárias a um bom orador. A ironia se localiza nesse projeto na parte referente ao modo como o discurso deve ser construído para persuadir a audiência. O orador destaca duas formas de adornos comumente utilizadas na arte oratória: as figuras e os tropos. A ironia se enquadraria ao mesmo tempo nessas duas formas de adorno; e, embora a distinção entre figuras e tropos seja um pouco nebulosa, podemos compreendê-la de modo que os tropos significaram a inversão semântica baseada na oposição e as figuras se estruturariam como uma ênfase, pela qual “queremos que se entenda o que dizemos, não ao contrário, como na ironia (enquanto tropo), senão como outra coisa oculta e que o ouvinte tem de adivinhar de certo modo” (2010, 203 p. – parênteses nossos). Para Quintiliano, a ironia seria usada desse modo por três motivos: “1º quando é arriscado dizer abertamente o que queremos; 2º quando não convém; 3º apenas por adorno” (2010, 194 p.). Nesse sentido, entendemos que o uso da ironia de acordo com Quintiliano implicaria uma proteção do enunciador.

A partir da segunda metade do século XX, as correntes lingüísticas, inicialmente a pragmática, demonstraram especial interesse sobre o fenômeno irônico e aqui cabe destacar as abordagens realizadas por Grice e Kerbrat-Orecchioni (*apud* Seixas, 2006), sendo esta última mais interessante para as reflexões aqui pretendidas. A autora, se filiando à linha retórica, propõe sua abordagem da ironia como tropo, ou seja, como uma inversão semântica baseada na oposição. Apesar disso, a autora considera que a popularidade da ironia reside muito mais em seu valor pragmático, ou seja, “é o valor pragmático de uma seqüência, mais que sua estrutura semântica, que faz com que a ‘sinta’ intuitivamente como irônica; ironizar é escarnecer, mais que falar por antífrase” (Kerbrat-Orecchioni, 1980, 120 p. *apud* Seixas, 2006, 37 p.). É nesse sentido que a autora vai defender sua abordagem pragmática da ironia, da qual Brait (2008) e Seixas (2006) destacam três componentes: o lingüístico, o ilocutório e o actancial.





O componente lingüístico da ironia ficaria por conta de sua estruturação semântica baseada na inversão, na oposição; é nesse ponto em que Kerbrat-Orecchioni mais se filia à retórica clássica e sua concepção de ironia se consagra como tropo. Já os componentes ilocutório e actancial estabelecem entre si certa relação: o aspecto ilocutório da ironia consiste em sua atividade dupla, ou seja, a ironia é uma atividade discursiva em que, ao enunciar, o falante faz algo além da própria enunciação. É nesse fazer algo além da própria enunciação que se funda o valor actancial da ironia, o qual Brait considera que “aparece na medida em que considera a agressão como uma propriedade da ironia” (Brait, 2008, 63 p.).

Duas propostas teóricas ainda pertinentes para a compreensão da ironia são a de Hutcheon (2000) e a de Brait (2008). Para essas autoras, a ironia desempenharia um papel crucial nas estratégias discursivas. Para Hutcheon, especificamente, a ironia está imbuída de um caráter avaliativo expressivo, o qual ela chama *aresta avaliadora*; já para Brait (2008), a ironia seria uma estratégia discursiva, que apoiada no interdiscurso diria mais, na trama enunciativa, do que aparenta dizer e instauraria uma polêmica. A ambigüidade desse aspecto sugestivo da ironia é o que permite que se julgue e, eventualmente, se agrida através dela sem se comprometer, sem admitir agredir; desse modo, essa é uma estratégia em que as interpretações dos interactantes se fazem cruciais, pois, ainda que a ambigüidade preserve o locutor de uma possível acusação de ataque, a aresta desesperadamente afiada da ironia se impõe e pode gerar conflitos.

Um dos poucos teóricos que discute questões de ironia relacionando com o fenômeno da polidez é Leech (1983). O texto de Leech (1983) é, na verdade, um compilado de dez artigos que exploram as regras gramaticais, a semântica e principalmente a pragmática por diversos focos e tomando diferentes exemplos. A base teórica não é muito diferente da já explorada por Brown & Levinson (1987), contando com autores como Austin e Grice (1975), porém com uma abordagem



distinta: Leech não procura acoplar tantos “padrões” (patterns) e/ou conceitos aos seus exemplos. O autor não procura “manipular” a interação com o intuito de explorar determinados comportamentos, mas incentiva o leitor a questionar e a considerar certos elementos (como os *princípios* especificados a seguir) que são decisivos no desenvolvimento do discurso do falante e do interlocutor.

Leech introduz, além do PP (Princípio de Polidez), o IP (Princípio de Ironia) e, mais adiante, o BP (Banter principle – Princípio de gracejo). Para Leech, os três princípios o CP (Princípio da Cooperação) de Grice, o PP (princípio da Polidez) e o IP (Princípio da Ironia) correlacionam-se na “Retórica Interpessoal”, isto é, dividem um mesmo espaço no discurso e nas conseqüentes inferências do falante ao considerar o “papel” do outro (interlocutor). Além disso, o autor não nega os custos acoplados a cada uma das ações tomadas na interação tanto para o falante quanto para o interlocutor, independente do princípio utilizado.

No início do *Principles of Pragmatics* são feitas algumas considerações históricas e também são expostos uma série de postulados que são explanados um a um, relacionando gramática e pragmática. Em seguida são exploradas algumas máximas de Grice às quais, para o autor, não são suficientes para explicar muitas das maneiras que usamos para nos expressar e que são complementadas pelo *princípio da polidez* (PP). Apesar dos esforços do autor ao acrescentar o domínio da polidez nas interações, nem todas as formas de expressão ficam claras, mas abstrações que devem ser interpretadas pelo leitor. Se somente forem considerados os atos locucionários e ilocucionários, restringiria bastante os sentidos construídos no texto: “Uma análise restrita ao patamar da produção de frases gramaticais, ao patamar das sentenças com significação e referência, ou restrita aos atos de fala com valor ilocucionário, ainda não deu o passo seguinte, a nosso ver, essencial, em direção ao discurso” (Araújo, 2004).



As seis máximas de polidez descritas no capítulo seis são “um acréscimo” às *Máximas Conversacionais* de Grice. Se considerarmos os conceitos de polidez positiva e negativa utilizados por Brown e Levinson (1978/1987) poderíamos ainda fazer a seguinte classificação:

**Quadro 1:** As seis máximas da polidez e a polidez negativa e positiva

MÁXIMA DO TATO	MÁXIMA DA GENEROSIDADE	MÁXIMA DA APROVAÇÃO	MÁXIMA DA MODÉSTIA	MÁXIMA DA CONCORDÂNCIA	MÁXIMA DA SIMPATIA
Polidez Negativa	Polidez Negativa	Polidez Positiva	-	Polidez Positiva	Polidez Positiva

**Fonte:** Autor, a partir de Brown e Levinson (1978/1987) e Leech (1983).

O próprio Leech escreve que as máximas não podem (nem devem) ser consideradas como valores absolutos, estáticos; só devem ser consideradas até certo ponto (“up to a certain point”). Além disso, o exagero de qualquer uma das máximas pode ter o efeito inverso, sendo necessário considerar as variações de cultura para cultura. Sobre o princípio da ironia (IP) descrito em seu texto, o qual pouco foi explorado pelo autor, muito ainda falta para uma maior sistematização sobre os usos da ironia na interação. O autor ainda considera o “silêncio” como fator determinante na interação podendo ser considerado um ato de impolidez pelo falante (na verdade não-falante) dependendo da situação.

As teorias de Brown & Levinson e Leech compõem as bases teóricas fundamentais para o estudo da polidez linguística. A partir delas vieram inúmeras críticas e um interesse maior vem trazendo à luz mais trabalhos sobre a polidez linguística. Apesar de serem muitas as críticas em relação à teoria formulada nas obras desses autores, além de advirem de países diversos, os autores Brown & Levinson alcançaram o objetivo de suscitar o interesse por um campo, na época, completamente ignorado na linguística e ainda bastante desconhecido nos dias atuais.



Locher & Watts (2005), Spencer-Oatey (2005), Leech (2005) e tantos outros, procuraram reformular e dinamizar o conceito de polidez para facilitar a sua aplicação na prática. Os conceitos e bases sobre o estudo da polidez para esse estudo advêm, principalmente, do modelo adotado por Spencer-Oatey (2005) e Barros e Crescitelli (2014) por ser um modelo mais interacionista e voltado para uma análise mais prática do fenômeno.

(Im)Polidez para Spencer-Oatey (2005, apud Barros, 2009) representa

“[...] os julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais e não-verbais. Em outras palavras, não é o comportamento em si que é polido, político [...] ou (im)polido; antes, a (im)polidez é um rótulo avaliativo que as pessoas agregam ao comportamento, como resultado de seus julgamentos subjetivos sobre a adequação social.” (p. 97).

A preocupação da autora é analisar de uma forma prática quais são os fatores que influenciam realmente o *diálogo interno produtivo* ou *Rapport*. Para isso ela descreve as seguintes categorias ou elementos os quais fazem essa manutenção: *expectativas comportamentais*, *sensibilidades da face* e *desejos interacionais*<sup>2</sup>. O *Rapport* então refere-se “(...) à harmonia relativa e fluidez das relações entre as pessoas” (Spencer-Oatey, 2005: 96).

As *expectativas comportamentais* estão relacionadas ao social, ao que é inerente à cultura de uma determinada comunidade. A apropriação social, segundo a autora, ocorre quando os interlocutores percebem o que é aconselhável, permitido ou proibido fazer quando se está inserido em um determinado contexto, isto é, existem certos papéis que devemos desempenhar dependendo da situação em questão. Esse tipo de perspectiva é semelhante àquela ampliada por Gumperz (1981) sobre o conceito inicial de Goffman sobre *footing* ou *alinhamento interacional*: o falante

---

<sup>2</sup> Tradução nossa.



assume um determinado papel de acordo com a situação. Um exemplo seria um professor dando uma aula em sala e a relação de poder que se estabelece em relação aos seus alunos, ou ainda um chefe que recrimina seu funcionário por não fazer seu trabalho corretamente. Ambos os locutores assumem papéis de professor-aluno ou chefe-funcionário, uma função que desempenham por certo tempo e que depois deixa de existir para que os indivíduos assumam novos papéis.

Já sobre as *sensibilidades da face* a autora escreve que o conceito de face não pode ser entendido apenas individualmente. O conceito de face é estabelecido conjuntamente com o senso de grupo e de identidade o qual um determinado indivíduo possui. Além disso, os AAFs desenvolvidos por Brown & Levinson, segundo a autora, só podem ser considerados ameaçadores da face realmente se o interlocutor os perceber dessa forma. Por exemplo, dependendo do contexto, uma situação de flerte entre interlocutores pode ser extremamente impolida/rude se um deles se sentir ameaçado(a) ou ofendido(a), porém, ele(a) pode também sentir-se lisonjeado(a) dependendo da forma que o locutor irá abordá-lo(a). As condições de produção do discurso e de sua receptividade por parte do interlocutor devem ser consideradas para o resultado final da interação. A última das categorias, os *desejos interacionais*, pode existir ou não dentro de uma interação, segundo a autora. Porém, o locutor deve ter o cuidado para não aparentar estar sendo muito estratégico ou parecerá impolido ou rude. Também pode haver a possibilidade da situação ser urgente ou muito específica e não depender dessas estratégias, sendo assim permitidos ao interlocutor certos tipos de comportamentos os quais poderiam comprometer sua liberdade de ação em uma outra situação. A perspectiva de Spencer-Oatey é diferente daquela de Brown & Levinson no momento em que considera ações que podem manter a face do falante ou melhorar a relação através de aproximações por certas táticas embutidas no discurso. A consideração do contexto e do social nas interações também se afasta da perspectiva dicotômica de Leech. Porém, a perspectiva da autora não é completa nem



perfeita para lidar com o fenômeno e por isso esse modelo é adotado parcialmente para esse estudo.

#### **4. Análise e discussão de dados**

Como buscamos esclarecer na revisão teórica e como pudemos constatar na observação do corpus ampliado, a ironia funciona muitas vezes como um catalisador de impolidez, decorrendo dela interações potencialmente conflituosas. Tendo claras as noções que norteiam nossa concepção de ironia e de (im)polidez, analisamos a interação abaixo, decorrente ela mesma de uma ironia, considerando alguns aspectos da ironia e (im)polidez que podem ser interpretados como conflituosos. Inicialmente, convém destacar que o autor do compartilhamento irônico potencializador de (im)polidez não contribui para o fluxo da interação – diante dos comentários feitos sobre seu compartilhamento, o autor da postagem não responde aos seus interlocutores. A interação se concentra em torno de três participantes: Glauca, Otto e Gleison, os quais fazem parte da rede social de Paulo.



Figura 1: Compartilhamento

Paulo [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.  
18 de setembro de 2014 · 🌐

Nem na nova política?



Folha de S.Paulo

'Ninguém governa sem o PMDB', diz vice de Marina Silva. <http://uol.com/bydVwJ> (via Folha Poder)

Foto: Nelson Almeida/AFP

Curtir · Compartilhar · 🍷 6 🗨️ 15

👍 6 pessoas curtiram isso.

Otto [redacted] Quem disse isso é o cara do PSB, que é vice, mas que antes do avião cair era contra a Marina. moral da história: política é a arte da concessão (onde é possível) para a construção de consenso. Neste ponto... não sei se dá! Se formos considerar (como, siml, já disse Marina) Pedro Simon e outros nomes... Dá! Se for em bloco.. ferrou!  
18 de setembro de 2014 às 18:50 · Curtir

Gleison [redacted] Então, vai ter que fazer aliança para governar. Criticou o PT por causa disto.  
18 de setembro de 2014 às 19:38 · Curtir · 🍷 1

Otto [redacted] Sim, Gleison [redacted]! Óbvio! O problema - que você não entendeu no comentário - é a forma e conteúdo. O PMDB é grande e tem muita gente. E pra entregar 6 MINISTÉRIOS para acomodar os desocupados ou selecionar os renomados (serviços prestados a nação) e a eles delegar tarefas?  
18 de setembro de 2014 às 20:17 · Curtir

Gleison [redacted] Belas palavras, pena que, na prática, são apenas palavras. É só olhar quem está destacado na foto para ver com que tipo de político ela faz aliança hoje.  
18 de setembro de 2014 às 20:34 · Editado · Curtir

Glaucia [redacted] A incoerência da candidata coloca em cheque as instancias partidárias neste país. Ela tem dito em alto e bom tom que vai governar sem negociar cargos com os partidos, como???? Isto pra mim chega a faltar com a verdade! Ai não dá, até por que, para ser candidata tem que ter um partido não é?!

Otto [redacted] Não, Glaucia Helenal É porque o seu PARTIDO institui a lógica da "porteira fechada" em lugar do projeto político. Ou vai me dizer que o Newton tinha alguma coisa com o projeto do PT para Contagem?  
18 de setembro de 2014 às 21:23 · Curtir

Otto [redacted] Isso para não falar de outros..  
18 de setembro de 2014 às 21:23 · Curtir

Glaucia [redacted] Ai é que se engana Otto, não tem porteira fechada. Por isto mesmo, nas concessões, quem define é o partido aliado, e não o partido que tem a cabeça do governo. O Newton não tem haver com o projeto do PT, mas quando se ganha uma eleição, o projeto é de governo. E pra governar sem ela, eu acredito seja impossível. Aliança no projeto, este é o foco. O que não dá moço é pra ver a sua candidata dizer que vai fazer uma nova política, abdicando do legado da política que é a arte de negociar. E ai, negociar é com todos os que querem governar junto. Não preciso nem dizer quem são os que estão ao lado

Fonte: Facebook. Disponível para acesso em:

<http://www.facebook.com/shares/view?id=865932550115416/>



Figura 2: Compartilhamento – continuação

18 de setembro de 2014 às 21:28 · Curtir

Otto [REDACTED] CAPSLOCK PARA QUE FIQUE CLARO ONDE VOCÊ COMEÇA E EU TERMINO Ai é que se engana Otto, não tem porteira fechada. MESMO?!?!? Por isto mesmo, nas concessões, quem define é o partido aliado, (E NÔ SEUS CACIQUES? SE!!!) e não o partido que tem a cabeça do governo. O Newton não tem haver com o projeto do PT, (MAS NA REELEIÇÃO DO PT-CONTAGEM TEVE!!) mas quando se ganha uma eleição, o projeto é de governo. E pra governar sem ela, eu acredito seja impossível. Aliança no projeto, (MAS A QUESTÃO É A QUALIDADE DO PROJETO) este é o foco. O que não dá moço (OBRIGADO!) é pra ver a sua candidata dizer que vai fazer uma nova política, abdicando do legado da política que é a arte (DO SEU PONTO DE VISTA) de negociar. (PARÂMETROS!!) E ai, negociar é com todos os que querem governar junto. Não preciso nem dizer quem são os que estão ao lado (DO SEU, KÁTIA ABREU, COLLOR, MALUF, SARNEY, RENAN... A LISTA É LONGA...) NÃO PISE NO MEU CALO QUE EU NÃO AFINO!!

18 de setembro de 2014 às 21:48 · Editado · Curtir

Otto [REDACTED] Detalhe: tal como Marina Silva, Heloisa Helena, Luciana Genro... e mais uma galera sou ex-petista. Sai porque não dei "conta" de muita coisa que em nome desse "pragmatismo" ou dessa concepção de "realpolitik" discordo veementemente!

18 de setembro de 2014 às 21:51 · Curtir

Glaucia [REDACTED] Pisei no seu calço??? Uai, achei que estávamos debatendo política, afinal somos dois professores de História, e sobre isto está nosso legado profissional. E a nossa maior diferença, sou petista desde que filiei, e se tiver que sair, não será para ir para outro partido. E por onde andou, o pragmatismo também está presente. Não somos ingênuos Otto. Vai dizer que na construção da via Marina Presidente, sem a Rede, a filiação ao PSB não foi pragmática??? E na arte de negociar, muitas coisas adiamos, pra conquistar lá na frente. Visão de futuro.

18 de setembro de 2014 às 21:56 · Curtir

Otto [REDACTED] Pisei no seu calço??? Uai, achei que estávamos debatendo política, (CLARO!) afinal somos dois professores de História, e sobre isto está nosso legado profissional. (NÃO DESVIE DO ASSUNTO) E a nossa maior diferença, sou petista desde que filiei, e se tiver que sair, não será para ir para outro partido. (ISSO NÃO TE FAZ MAIS COERENTE, DEMOCRÁTICA OU MELHOR QUE NINGUÉM) E por onde andou, o pragmatismo também está presente. Não somos ingênuos Otto. Vai dizer que na construção da via Marina Presidente, sem a Rede, a filiação ao PSB não foi pragmática??? (SE NÃO FOSSE O SEU PT INVIABILIZANDO O REGISTRO DO PARTIDO – NAS PALAVRAS DO SEU ETERNO PRESIDENTE "ABATER O AVIÃO NA PISTA") TERÍAMOS FEITO. O AZAR DE VOCÊS FOI ERRAREM DEMAIS OS CALCULOS. E, ANDA, O AVIÃO DO FINADO CAIR. SE DERÃO COM OS BURROS NÁGUA) E na arte de negociar, muitas coisas adiamos, pra conquistar lá na frente. Visão de futuro. E DE PRESENTE TAMBÉM!!!

18 de setembro de 2014 às 22:06 · Curtir

Glaucia [REDACTED] Otto, sugiro a você responder sem a caixa alta, fica ruim a leitura. Coerência, pra mim, a minha é maior sim, é maior do que daqueles que saem, pisam e vão fazer o mesmo jogo que condenam em outros partidos ou grupos. Mas é democrático. As pessoas tem o direito de estar ou não onde se faz melhor representado e se sentem mais parte. Agora, quer dizer que, se não fosse o meu partido ter impedido a Rede de se formar, como afirma, não precisariam usar de pragmatismo, é isto? Entendi! Se saiu do PT porque não aguentava tanto pragmatismo, nem precisava ter saído. E partidariamente falando, suas idéias te aproximam mais do PT do que do PV, da Rede e do PSB. Debateremos mais depois. Abraços e preservemos o bom debate! Saudações e até outro dia!

18 de setembro de 2014 às 22:30 · Curtir · 1

Otto [REDACTED] Otto, sugiro a você responder sem a caixa alta, fica ruim a leitura. AO CONTRÁRIO: FACILITA PARA SABER ONDE ESTÁ A FALE E UM E A DO OUTRO. Coerência, pra mim, a minha é maior sim, é maior do que daqueles que saem, pisam e vão fazer o mesmo jogo que condenam em outros partidos ou grupos. NÃO É O MEU CASO Mas é democrático. OK As pessoas tem o direito de estar ou não onde se faz melhor representado e se sentem mais parte. Agora, quer dizer que, se não fosse o meu partido ter impedido a Rede de se formar, como afirma, não precisariam usar de pragmatismo, é isto? Entendi! Se saiu do PT porque não aguentava tanto pragmatismo, nem precisava ter saído. E partidariamente falando, suas idéias te aproximam mais do PT do que do PV, FATOI da Rede e do PSB. DO PSB SÓ SE FOR O DAS ANTIGAS Debateremos mais depois. COM CERVEJA, POR FAVOR! Abraços e preservemos o bom debate! Saudações e até outro dia! VALEU!

19 de setembro de 2014 às 13:50 · Curtir

Fonte: Facebook. Disponível para acesso em:

<http://www.facebook.com/shares/view?id=865932550115416/>





A primeira reação à ironia presente no compartilhamento nos dá um indício muito claro de que, efetivamente, a ironia é ‘sentida’ como desesperadamente afiada, como nos diz Hutcheon e Kerbrat-Orecchioni. Na primeira reação à ironia Otto se defende e contra-argumenta buscando invalidar a avaliação feita pelo ironista. O ironista, como já dissemos, silencia, mas outros atores surgem e então decorrem duas séries de conflitos. No início um conflito menor acontece entre dois participantes da conversa (Gleison e Otto): quando, diante da reiterada avaliação de Gleison, Otto diz “Óbvio! O problema – que você não entendeu no comentário (...)”, ao que ele responde “Belas palavras, pena que, na prática, são apenas palavras”, em que Gleison desqualifica a asserção de seu interlocutor (**apenas**). Essa discussão não toma proporções maiores até a chegada e o comentário da terceira participante, estabelecendo a segunda série de conflito.

Diferentemente de Gleison, cujo comentário se refere especificamente a Otto, o comentário de Gláucia remete ao compartilhamento. Diante do reforço dado pela contribuição de Gláucia ao posicionamento de Paulo e Gleison, as respostas de Otto vão ficando cada vez mais diretas e até mesmo agressivas, sendo possível deduzir que ele está bem irritado. Sua irritação e sua conseqüente agressividade surgem, primeiro, com o uso da caixa alta no termo ‘PARTIDO’, ao se referir ao PT, partido ao qual Gláucia parece ser filiada. Outros indícios se reforçam a irritação e conseqüente impolidez de Otto, como o desrespeito ao “turno/comentário” de sua interlocutora (em dois momentos há dois comentários seguidos de Otto, sem que Gláucia comente), pois, ainda que em um destes momentos a sequência de dois comentários/turnos se dê num intervalo muito curto (como se representasse uma pausa breve), no outro a diferença temporal de um comentário a outro é de três minutos.

Já Gláucia prefere usar mais da ironia quando o chama de “moço” ou quando diz “(...) Pisei no seu calo??? Uai, achei que estávamos debatendo política”, representando um aspecto da ironia que a relaciona a uma espécie de distanciamento



emocional. Otto, numa tentativa de 'organizar' o diálogo, estrutura seu comentário mencionando trechos dos comentários de Glaucia e diferenciando-os pelo uso de *caps lock*. Comumente o uso do *caps lock* é feito nas interações digitais para indicar um tom de voz mais alto, um grito; é baseada nessa convenção e no próprio clima conflituoso que Glaucia pede gentilmente que ele não use mais o *caps lock*.

Diante da ironia do 'moço' feita por Glaucia, Otto busca também ser irônico ao agradecer, fazendo um uso do agradecimento em uma circunstância em que ele não cabe. É nesse momento que ele, demonstrando certa ansiedade, faz dois comentários consecutivos com um intervalo de três minutos. Sua interlocutora percebe essa irritação e discursiviza sua percepção por meio de mais uma pergunta irônica "pisei no seu calo?", dando continuidade a essa estratégia da pergunta insincera ao questionar o pragmatismo da candidata (objeto constante da avaliação ao longo de toda interação). A partir de então, Otto deixa transparecer ainda mais sua irritação, ao usar o imperativo (Não desvie do assunto) e o pronome possessivo ('seu PT' e 'seu eterno presidente'). A essa explícita irritação, Glaucia, que durante todo o debate não demonstrou exacerbada irritação, se esquivava, conclamando a democracia e a preservação do 'bom debate', além de finalizar a discussão e a interação: "debateamos mais depois", não deixando ao seu interlocutor nenhuma alternativa além de dar por encerrada a interação conflituosa.

## Considerações finais

O artigo buscou discutir elementos da ironia e impolidez em um ambiente virtual bastante utilizado atualmente, o Facebook. Pudemos constatar, a partir da interação analisada acima, que muitas vezes a ironia atua como catalisadora de (im)polidez, entrando em consonância com o que Hutcheon pontua ao dizer que "a ironia possui uma aresta avaliadora e consegue provocar respostas emocionais" (2000,



16 p.). Pudemos observar também que, além da catalisação, há um uso reiterado dessa estratégia discursiva ao longo do desenvolvimento do conflito por ela causado, numa espécie de defesa e de ataque. Do ponto de vista interacional, pudemos observar que a configuração do compartilhamento, possibilitando uma interação multilateral, apresenta uma dinâmica interpessoal cujo tratamento é indispensável para a compreensão da interação. Por outro lado, as configurações tecnológicas disponíveis no site Facebook, ao restringir os recursos semióticos apenas aos elementos de natureza gráfica, impõem aos interactantes uma renegociação a respeito dos mecanismos expressivos, o que para a dinâmica de fenômenos como a ironia e a (im)polidez representa um constante desafio.

Os resultados apresentados aqui, apesar de terem caráter limitado diante da dimensão do universo digital e da imensa capacidade criativa da língua, representam a ponta do iceberg de alguns padrões discursivos recorrentes na web. As situações de conflito, os ataques explícitos, as discordâncias impolidas bem como as ironias, algumas vezes corteses ou outras vezes desesperadamente afiadas, são fenômenos lingüísticos que observamos cotidianamente nas interações da web. Cabe a nós indagarmo-nos sobre quais são as influências que o meio digital, e no nosso caso as configurações tecnológicas do Facebook, exercem na dinâmica interacional digital, uma vez que, por serem dotados de inúmeras funcionalidades, esses espaços operam em um nível além do texto, hipertexto ou imagem.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. L. 2004. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

BARROS, K. S. M.; CRESCITELLI, Polidez e preservação da face em memoriais acadêmicos. In: **Cortesia: Olhares e (re)Invenções**. Lisboa: Chiado Editora, 2014.



BARROS, K. S. M. **Polidez em textos acadêmicos escritos**. VIII Congresso Latinoamericano de Estudios del Discurso. Universidad Autónoma de Nuevo León. Monterrey, Nuevo León, 2009.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

BROWN, P. & LEVINSON, S. C. (1987 [1978]). **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: CUP.

GRICE, P. Logic and Conversation In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (Orgs.), **Syntax and semantics: Speech acts**. New York: Academic Press, 1975, pp. 41-58.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LEECH, G. N. (1983). **Principles of Pragmatics**. London: Longman.

LOCHER, M. A. & Watts, R. J. Politeness theory and relational work. In **Journal of Politeness Research** 1: 2005, pp. 9-33.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. **Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso**, Venezuela, v. 1, n. 1, ago. 2001. p. 23-42.

MIOTTI, C. **Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2010.

MUECKE, D. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

QUINTILIANO. **Instituciones oratorias**. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal, 2010.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SEIXAS, N. **Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil**. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2006.

SPENCER-OATEY, H. (Im)Politeness, face and Perceptions of Rapport: Unpackaging their Bases and Interrelationships. **Journal of Politeness Research** 1: 2005, pp.95-120.